



**Itaú-Unibanco Holding  
Audioconferência Resultados  
do 2º Trimestre de 2013  
31 de julho de 2013**

**Operadora:** Bom dia senhoras e senhores. Sejam bem vindos à teleconferência do Itaú-Unibanco Holding onde serão discutidos os resultados do segundo trimestre de 2013.

No momento, todos os participantes estão conectados apenas como ouvintes e mais tarde será aberta a sessão de perguntas e respostas, quando serão dadas as instruções para os senhores participarem. Caso necessitem de assistência durante a teleconferência, teclem “asterisco zero”. Cabe lembrar que esta teleconferência está sendo gravada e transmitida simultaneamente pelo site de relações com investidores [www.itaunibanco.com.br/ri](http://www.itaunibanco.com.br/ri). Os slides desta apresentação estão disponíveis no site. O replay desta teleconferência estará disponível por meio do telefone (55 11) 4688-6312, código de acesso: 3265547 sustentido.

Antes de prosseguir, esclareço que eventuais declarações feitas durante esta teleconferência sobre as perspectivas dos negócios, projeções e metas operacionais e financeiras são meras previsões, baseadas nas expectativas da administração em relação ao futuro do Banco. Estas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do país, do setor e dos mercados internacionais. Portanto, estão sujeitas a mudanças.

Conosco hoje em São Paulo estão os senhores **Alfredo Egydio Setubal**, Vice-Presidente Executivo e Diretor de Relações com Investidores; **Caio Ibrahim David**, Chief Financial Officer; e **Rogério Calderón**, Diretor de Controladoria Corporativa e Relações com Investidores.

Inicialmente o **Sr. Alfredo Setubal** apresentará os resultados do segundo trimestre de 2013. Depois os executivos responderão às questões formuladas por telefone ou e-mail.

Agora eu passo a palavra ao **Sr. Alfredo Setubal**.

**Sr. Alfredo Setúbal:** Bom dia a todos. Um prazer estar aqui novamente nesta teleconferência para falarmos dos nossos resultados do segundo trimestre. Para aqueles que vão seguir pelas telas que estão na internet, no nosso site de relação com investidores, vamos começar na página 2. Os destaques principais deste segundo trimestre, começando pelo lucro líquido recorrente de R\$ 3,6 bilhões. Isso já deu, apresentou um crescimento de 3,1% em relação ao primeiro trimestre. Olhando o semestre como um todo, o lucro líquido foi R\$ 7,1 bilhões.

O segundo destaque é relativo ao nosso retorno, do ROE recorrente, que atingiu (no consolidado das operações) 19,3%, levemente superior ao primeiro trimestre deste



ano, 0,2%, mesmo levando em conta que nós tivemos, como foi divulgado, um resultado das nossas operações com o mercado, R\$ 329 milhões menor do que aquele apresentado no primeiro trimestre deste ano, em função, evidentemente, da maior volatilidade que o mercado financeiro e de capitais apresentaram neste trimestre, especialmente no mês de junho.

Terceiro destaque é a operação do Banco, de modo geral, que temos vários subdestaques que depois nós vamos detalhar mais nos *slides* seguintes.

Primeiro subdestaque aqui seria a carteira de crédito, que cresceu 2,5% neste trimestre e 8% nos últimos 12 meses. É sabido por todos que nós viemos reduzindo algumas carteiras, principalmente a de Veículos e de Pequenas e Micro Empresas. Se desconsiderarmos a carteira de veículos, que vem apresentando reduções substantivas, a nossa carteira de crédito teria crescido 12,2%, mais em linha com o crescimento do mercado, do sistema financeiro como um todo, pelos dados do Banco Central.

Mas de qualquer forma, como nós estamos e continuamos reduzindo o risco da nossa carteira, dos segmentos mais arriscados, com os clientes de menor performance, a nossa carteira cresceu 2,5% neste período e 8% em 12 meses.

A margem financeira com clientes voltou a crescer. Cresceu 3,4% neste trimestre. Atingiu R\$ 11,3 bilhões. Vínhamos há quatro trimestres em queda, este trimestre no nosso entendimento e na nossa expectativa, acreditamos que é o início de uma gradual recuperação da margem financeira com os clientes, tendo em vista que boa parte do ajuste de risco da nossa carteira já foi feito e os *spreads* não vem, de um modo geral, apresentando queda. Muito pelo contrário, em algumas carteiras vem até apresentando crescimento nos últimos meses em função da conjuntura econômica mais difícil e da volatilidade aí dos mercados.

A margem financeira de crédito líquida de PDD cresceu 7,6% e atingiu R\$ 6,3 bilhões. Também é um indicador bastante positivo das nossas operações. Outro indicador bastante importante foi a melhoria da qualidade do nosso crédito. Como eu disse, a gente continua reduzindo o risco da carteira de crédito, em função da conjuntura, já há um ano e meio. Nosso *non performing loan* de 90 dias reduziu mais 0,3% neste trimestre atingindo 4,2% no período, que é um índice bastante bom, bastante positivo.

Outro indicador positivo é o atraso de 15 a 90 dias melhorou 0,6. É um indicador bastante forte de que as políticas adotadas e a tendência da nossa carteira de crédito continuará apresentando melhorias nos próximos trimestres em relação ao NPL de 90 dias.

Outro destaque continua sendo as despesas com PDD, que elas ficaram estáveis neste trimestre, mas quedas de 20% no acumulado do ano quando comparamos aí com o ano passado, mostrando aí que continuamos com indicadores bastante positivos nesta linha da PDD.



A receita de serviços cresceu 5,4%, 21% de crescimento sobre 2012. Seguros continua sendo uma operação bastante positiva nas nossas áreas de atuação, na área de Seguros, principalmente na Previdência, *bank assurance*, então, o resultado foi de R\$ 1,4 bilhão nos nossos negócios de Seguros.

As despesas não decorrentes de juros continuam bastante controladas. O crescimento foi de 4,2% no trimestre e 4,6% quando olhamos os 12 meses. Quer dizer, continuamos bastante focados no controle de despesas. Lembrando que, se nós ajustarmos as bases para fazer uma comparação mais realista das nossas despesas em relação ao ano passado em função de termos adquirido 100% das ações da Redecard, portanto estamos consolidando ela 100% nesse ano, o crescimento comparável seria de 2,5%, portanto bem inferior ao crescimento da inflação. Então, também é um indicador que continua numa tendência bastante positiva.

Com tudo isso, nosso índice de eficiência ajustado ao risco, aqui levando em consideração os sinistros e as PDDs, melhorou 0,7% em relação ao trimestre anterior.

Indo para a página 3, nós vemos uma demonstração muito sintética do nosso resultado. A margem financeira total de R\$ 19 bilhões. Como eu disse, a margem financeira com clientes cresceu. A margem financeira com mercado, neste trimestre, ela reduziu bastante em relação ao histórico do Banco e em relação ao trimestre anterior, uma queda bastante grande em função da volatilidade do mercado, mas a operação em si foi bastante bem. A gente vê isso nas receitas e serviços que continuam crescendo.

O resultado com Seguros que continuou crescendo como eu destaquei. As despesas de PDD ficaram estáveis em função de provisões adicionais que fizemos em função da conjuntura que estamos vivenciando. As despesas com sinistros também ficaram estáveis. As despesas não recorrentes de juros R\$ 8,6 bilhões, no trimestre teve um pequeno crescimento, o que é normal, é sazonal. Mas, olhando o ano o crescimento foi de 4,6%.

Enfim, isso tudo levou a um resultado recorrente de R\$ 3,6 bilhões que mostra a solidez da nossa operação bancária. Acho que todos os indicadores neste trimestre foram bastante positivos e em linha com a estratégia que temos adotado nos últimos 18 meses.

Indo para a página 4, tem a abertura desse resultado entre as nossas operações bancárias e as nossas operações de Seguro. A gente vê que, do resultado de R\$ 3,6 bilhões, R\$ 2,9 bilhões vieram das operações bancárias. Estas operações geraram um retorno de 20,4%, índice de eficiência ajustado ao risco de 75,4%.

Nas operações de Seguros, um resultado de R\$ 591 milhões. Aqui considera a nossas operações, nossa participação na Porto Seguro de 30%. Resultado de



Seguros de R\$ 591 milhões, o retorno de 35,3%. Um índice eficiência de 33% e um índice de eficiência ajustado ao risco de 65,3%.

Na página 5, a margem financeira, a gente vê que a margem financeira no segundo trimestre do ano passado tinha atingido 13,4%. Ela veio se reduzindo e atingiu 11,4% agora, mas o ritmo de redução já se reduziu e a gente acredita que isso vai iniciar uma nova trajetória daqui para frente dessa margem tendo índices e resultados melhores.

Nós já vemos, isso na linha verde cheia, no *spread* de crédito líquido, que ela já vem subindo já há três trimestres, atingindo agora 7,2% e a nossa margem com clientes, ajustada ao risco depois aí das PDDs e das recuperações, que também vem num *trend* positivo já este trimestre, com ganho de 0,5%.

Então os indicadores de margem indicam que - tudo indica -, pelo menos, que os piores momentos de ajuste da nossa carteira e de ajuste do mercado em relação a *spreads* de taxa de juros e tudo mais, aparentemente está ficando para trás.

Na página 6, a gente vê como que nossa margem, a composição da nossa margem mudou de um trimestre para o outro. Então nos saímos de R\$ 10,929 bilhões no primeiro trimestre para R\$ 11,3 bilhões, aqui lembrando que é apenas a margem com os clientes. Isso se explica por um crescimento de R\$ 219 milhões no volume nas operações de crédito, e é um trimestre que tem mais dias corridos, então apropria-se mais receita, e nesse caso foi R\$ 121 milhões.

A Selic, a alta da Selic gerou uma receita adicional de R\$ 115 milhões. Aí trouxemos ainda os ajustes de mix de produtos e mix de clientes de R\$ 97 milhões e R\$ 46 milhões, respectivamente. Mas, se vocês olharem estas mesmas linhas em outros trimestres, os números já se reduziram substancialmente. Então, o efeito de mix de produtos e de clientes, isto vem já se minimizando bastante, o que nos dá este conforto de que tudo indica que o período de ajuste maior já ficou para trás. E R\$ 64 milhões no resultado de equivalência patrimonial. Estes fatores são os que explicam o crescimento neste trimestre, depois de quatro trimestres de queda, da nossa margem com clientes.

Na página 7, a margem financeira de crédito e de PDD. Então, também aqui, a gente vê que depois de um ano, quatro trimestres, a gente vem com uma melhoria, uma recuperação aqui da nossa margem financeira, já são três trimestres de melhora deste índice de margem líquida da PDD. Então em todos os indicadores convergindo para uma melhoria da nossa operação bancária.

Na página 8, que é o resultado da nossa margem financeira com o mercado, que é sempre um resultado mais volátil, neste trimestre ele foi muito inferior aos trimestres anteriores e já vem em números menores aí já desde o início do ano, em função das dificuldades maiores das operações e dos *hedges* e da volatilidade dos mercados, este trimestre nós tivemos o pior resultado dos últimos anos em todos os trimestres do Banco nessa linha, muito em função da volatilidade do mercado e,



especialmente, nas taxas pré-fixadas que subiram neste período e acabaram afetando nossas posições carregadas pela nossa tesouraria.

Na página 9, a gente vê um pouco mais detalhado aqui as nossas receitas de serviços e os resultados de seguro. Eu acho que a tendência é bastante positiva. Lembrando que nós estamos consolidando 100% dos resultados da Redecard dentro da nossa estratégia de crescer receitas e serviços, como já foi comentado anteriormente. Quer dizer, a aquisição da Redecard vem dentro desta estratégia de aumentar serviços e reduzirmos a dependência das operações puramente de crédito com os clientes. Então isso já vem apresentando resultados e a gente vê que a receita de serviços cresceu em 12 meses, 21,6%.

Então, o resultado de Seguros, como eu comentei, foi R\$ 1,4 bilhão. Também apresentou um crescimento de 5,7% no trimestre e um bom crescimento de 11,2% no ano. Então, eu acho que aqui também estão indicadores que mostram que a estratégia de crescer serviços e crescer nossa operação de Seguros vem dando resultados esperados.

Isso a gente pode ver mais e melhor na parte de Seguros na página 10. A gente vê como que a participação de Seguros melhorou em relação ao histórico que nós tínhamos no Banco. Neste trimestre nossas operações de Seguros já tiveram uma representatividade maior. Vemos também que é bastante importante destacar a sinistralidade mais baixa neste trimestre em relação ao trimestre anterior, sem considerar as operações aqui, neste quadro não estão consideradas as operações da Porto Seguro. Mas, de qualquer forma, a gente vê que a nossa operação que é administrada pelo conglomerado Itaú-Unibanco na área de Seguros que, como já disse, é estritamente aquilo que é chamado de *bank assurance*, tem um índice de sinistralidade baixo que vai em linha também com a nossa estratégia de redução dos riscos gerais da nossa operação.

Então, aqui na área de Seguros é importante destacar que a gente vem crescendo, estamos bastante focados em crescer os Seguros nas áreas em que nós atuamos. Lembrando que nós não temos operação relevante, temos um saldo na operação de Seguro Saúde, que é uma operação muito grande no mercado, mas também uma operação com alta sinistralidade. Então, nós operamos em outros segmentos de menor **risco**.

Entrando na operação de crédito na página 11, no *slide* 11, a gente vê, então, a forte tendência de queda em função do ajuste de risco de clientes que nós tivemos aí ao longo dos últimos trimestres.

Fechamos com 4,2% na carteira consolidada o NPL 90 dias, mas a gente vê por este quadro que, tanto segmento de pessoa física, que reduziu também para 6,4%, quanto no segmento de pessoa jurídica, que reduziu 0,4 p.p. as tendências são bastante positivas, e a gente tem com isso conseguindo reduzir as despesas e provisão de despesas de devedores duvidosos.





Temos aumentado o índice de cobertura. O índice de cobertura subiu novamente para 165%, que é o maior índice de cobertura que nós temos nessa série aí, desde setembro de 2011.

Na página 12, a gente vê também aqui como que as despesas de provisão de créditos duvidosos vêm reduzindo, tanto em relação à carteira quanto em relação às despesas. Isso tem dado também bastante confiança de que estamos no caminho certo. O nível de provisionamento continua bastante confortável, R\$ 26,4 bilhões. Não mexemos na provisão complementar, dentro do nosso modelo de perda esperada, quer dizer, continuamos com R\$ 5,1 bilhões já há vários trimestres, o que é positivo também, que mostra que não estamos precisando usar esta provisão adicional para perdas de crédito.

No *slide* 13, a gente vê também, como eu comentei no início a confirmação de que a nossa carteira de crédito continua numa tendência bastante positiva de redução de riscos e de redução de PDDs futuras. Olhando os índices de atraso a gente vê uma queda substancial de 4% para 3,4% no período. Este índice de atraso é o menor que nós temos desde a fusão do Itaú e Unibanco, que é a criação do Itaú-Unibanco Holding. Então, aqui também a gente vê uma tendência bastante positiva e uma tendência muito boa, tendo em vista a conjuntura econômica mais difícil de crescimentos menores e aumento da taxa de juros que nós estamos vivenciando neste momento.

O NPL *creation* e o *write-off* também mostram tendências bastante boas, tudo indicando na mesma direção do ajuste e da estratégia correta que fizemos nos últimos trimestres.

Na página 14, um detalhamento um pouco maior das despesas não decorrentes de juros. Como eu disse, a gente continua muito focado nesse aspecto. Ele é muito importante na nossa equação de mantermos retornos altos com a redução da nossa carteira de risco. É importante que o ajuste de custos também venha na mesma proporção. Isso tem sido obtido, como eu disse, o crescimento em 12 meses 4,6%, quer dizer, abaixo da inflação, que gira em torno de 6,5% no acumulado e considerando a Redecard, que neste ano nós estaríamos crescendo à um ritmo de 2,5% anualizado. Então, acho que aqui também, estamos numa boa tendência.

Com isso tudo, no *slide* 15 a gente vê que o índice de eficiência simples, o índice de eficiência tradicional, ele não está nos níveis que nós gostaríamos, muito em função das dificuldades de receitas de todas as nossas operações, reduções de *spreads* ou ajuste da carteira de crédito. Mas se a gente olha o índice de eficiência ajustado ao risco levando em conta as despesas de PDD e de sinistro de seguros, a gente vê que a nossa estratégia tem sido correta e este índice tem se reduzido bastante e com uma tendência de continuar reduzindo, o que é bastante importante.

Na página 16, os destaques patrimoniais, quer dizer, nós encerramos o semestre com um ativo de R\$ 1,57 trilhão, crescimento de 2,8% em relação ao trimestre anterior. O patrimônio líquido se encerrou em R\$ 75,8 bilhões. Apresentamos um



crescimento de patrimônio líquido mesmo tendo tido perdas em títulos que nós vamos detalhar um pouco mais adiante nesse período, mas de qualquer forma, o nosso patrimônio cresceu 1,8%.

A nossa carteira de empréstimos, olhando ela em mais detalhes, ela fechou no total dela com avais e fianças em R\$ 445 bilhões, um crescimento, como eu já comentei, no trimestre de 2,5%.

Se considerarmos como crédito os títulos privados que nós carregamos na tesouraria, como debêntures emitidos por empresas abertas e tudo mais, nosso risco de crédito subiria em R\$ 22,4 bilhões, num total de R\$ 467 bilhões. Então, este seria o risco de crédito que o Itaú-Unibanco corre levando em conta todos os tipos de títulos e empréstimos que nós temos nos nossos ativos.

Continuamos bastante focados no crescimento do crédito consignado. A nossa *joint venture* com o Banco BMG já está crescendo e apresentando bons resultados e isso a gente vê pelo crescimento da carteira que já atingiu R\$ 18,5 bilhões. É um crescimento de 58,6% no período de junho 12 a junho 13.

Continuamos reduzindo a carteira de veículos. Achávamos que a carteira de veículos se estabilizaria perto do segundo trimestre, mas isso não ocorreu ainda. A gente continua reduzindo este risco e esta carteira. É uma redução de 20% praticamente em 12 meses, mas em linha com aquilo que a gente vem procurando fazer, que é aumentar as carteiras de menor risco, como crédito consignado.

A gente vê também no crédito consignado aqui no rodapé da página que a nossa *joint venture* com o BMG já atingiu R\$ 3,8 bilhões no fechamento do trimestre. Então é uma carteira com menos *spread*, mas também com muito menos risco e muito menos criação de provisões para perda.

O crédito imobiliário a mesma coisa. A gente continua bastante otimista com o crescimento do crédito imobiliário. Os crescimentos são importantes, de 32% no acumulado dos 12 meses e quase 9% no trimestre, mas continuamos financiando bastante abaixo do valor dos imóveis, menos de 80% do valor dos imóveis no financiamento. Os índices de inadimplência são muito baixos e o perfil da nossa clientela é um perfil de clientela melhor, mais ligado às classes mais altas, classe média. Então estamos bastante confortáveis com esse ritmo de crescimento que a gente tem visto em função do perfil de cliente com quem nós estamos trabalhando.

No caso das pessoas jurídicas, a gente continua com uma redução, como eu comentei, de micro e pequenas empresas. Acho que no segundo semestre a gente já pode começar a ver algum crescimento nesses segmentos em função da mudança de organograma que nós fizemos. Então as micros e pequenas empresas - lembrando o que foi comentado no primeiro trimestre -, hoje fazem parte da operação de varejo do Banco e não mais dentro de uma segmentação de *middle market* e a gente acredita que com as mudanças que estão sendo feitas



internamente nós, a partir deste semestre, provavelmente já teremos algum crescimento nesse segmento de micro e pequenas empresas.

Nas empresas médias, o crescimento tem sido razoável, as perdas também dentro do esperado. Não é um segmento que também tenha trazido grandes preocupações.

No caso de grandes empresas, continuamos crescendo. Sentimos uma demanda razoável de crédito por parte das grandes empresas brasileiras, as instaladas aqui no Brasil. Atingimos R\$ 171 bilhões, crescimento de 15,8% no período.

E o crédito na América Latina, que teve um crescimento em Reais bastante grande, nós continuamos crescendo a carteira, mas não neste ritmo de 37,8%. 37,8% acumulados levam em conta também uma desvalorização do Real frente ao Dólar neste período que influenciou evidentemente esta carteira que está nos países Latino Americanos, onde nós temos operações *corporate* e de varejo nos quatro países aqui que compõe o MERCOSUL.

No *slide* 18, todos os nossos recursos próprios capitados e administrados continuam crescendo, atingindo agora R\$ 1,5 trilhão.

No *slide* 19, a relação da carteira de crédito com as nossas captações e depósitos também mostram bastante tranquilidade, quer dizer, até por que não estamos crescendo a carteira de crédito num ritmo muito forte. Estamos bastante confortáveis com o nível de depósitos que nós temos para fazer frente ao crescimento da carteira de crédito.

Na página 20, a gente vê como é que o nosso patrimônio líquido saiu de R\$ 74,4 bilhões para R\$ 75,8 bilhões. O resultado do período, um lucro líquido de R\$ 3,6 bilhões, cresceu o patrimônio. Pagamos juros sobre capital e dividendos de R\$ 700 milhões. Os ajustes patrimoniais da nossa carteira de títulos levaram a uma queda de R\$ 1,2 bilhão, quer dizer, nesse período. Recompramos ações, como divulgamos no mês de junho e divulgamos no início de julho, em R\$ 300 milhões na Bolsa e isso compõe as mutações do patrimônio líquido para fechar em R\$ 75,8 bilhões.

Na página 21, a gente vê como é que foi composto esse R\$ 1,2 bilhão de ajustes patrimoniais. A gente vê aqui que especialmente esse ajuste veio do ajuste dos títulos que nós carregamos no exterior da dívida brasileira que é o nosso *hedge* para fazer frente às nossas dívidas subordinadas que estão emitidas lá fora e com isso nós estamos, assim, na verdade nós estamos “casados” entre os passivos e os ativos, mas enfim, hoje é uma volatilidade maior e houve aí uma desvalorização da dívida e que levou a esta perda patrimonial de R\$ 1,2 bilhão.

Mas também houve ganhos do lado dos nossos passivos. Quer dizer, a perda real, vamos dizer assim, se a gente considerasse o impacto entre passivos e ativos teria sido de apenas R\$ 500 milhões. Então, acho que aqui explica um pouco essa mutação do patrimônio da nossa operação.





É importante realçar e a gente sempre coloca isso na nossa análise gerencial, no nosso MD&A, os volumes de VaR que a gente opera, a gente não tem aumentado o VaR operado – os limites têm sido bastante controlados, o que tem sido bom evidentemente em função de uma maior volatilidade que os mercados têm apresentado ao longo desse ano, especialmente, como foi dito, no segundo trimestre.

Na página 22, o Índice de Basiléia. Continuamos com um Índice de Basiléia bastante sólido, 17,5%, considerando aí as nossas dívidas subordinadas, quer dizer, também bastante confortável a nossa operação.

No slide 23, o nosso Retorno sobre o Patrimônio Líquido, separado aqui das nossas operações a gente vê a linha verde, para quem está seguindo aí os slides, que a nossa operação, excluindo aqui as operações com o mercado, as nossas operações de tesouraria, que a nossa operação vem, em função dessas mudanças de política de risco do conglomerado, vem melhorando já há cinco trimestres. A gente tem tido um ROE sobre a operação recorrente, sobre a operação bancária tradicional melhorando, atingimos, então, 21,3% nesse período, que é um índice bastante bom, em linha com o histórico do Banco, em função desse ajuste de carteira, em função dos controles de despesa, em função das nossas políticas de redução de risco do nosso balanço.

Na página 24, o quanto foi pago aí de dividendos e juros sobre capital próprio. Continuamos com a política de distribuição em torno de 30% do nosso resultado. Como também comentamos, no período do segundo trimestre foi feita uma aquisição de ações, especialmente, no mês de junho, que foi divulgado, nós compramos R\$ 300 milhões em ações próprias do Itaú-Unibanco Holding no mês de junho.

Na página 25, nossa liquidez, quer dizer, continuamos com uma liquidez boa tanto na Bolsa de Nova York, quanto na Bovespa e o nosso valor de mercado de R\$ 142 bilhões, que caiu aí também em função do próprio comportamento do Ibovespa que foi muito negativo ao longo desse ano.

Olhando na página 26 a gente vê a abertura dos segmentos que tradicionalmente nós mostramos. O banco comercial de varejo, a área de crédito ao consumidor, o banco de atacado e as atividades com o mercado, mais o excesso de capital. Então, a gente vê que do nosso lucro líquido recorrente de R\$ 3,6 bilhões, R\$ 1,6 bilhão veio da nossa operação de varejo tradicional, com um índice de eficiência ajustado ao risco de 75%, e um RAROC – Retorno sobre o Capital Alocado –, de 33%. É uma operação que vai e continua muito bem.

Na área de crédito ao consumidor um lucro de R\$ 485 milhões, ainda sofremos aqui em função da nossa carteira de veículos, ainda que estamos no processo de mudança do perfil da carteira de veículo. Então, R\$ 485 milhões, um índice ajustado ao risco de eficiência de 79%, ainda acima do que gostaríamos, e um retorno de 21%. O banco de atacado, resultado de R\$ 774 milhões, um índice ajustado ao risco



de eficiência de 68% e um retorno de 13,6%. E a atividade com o mercado mais o excesso de capital, R\$ 671 milhões no período, um índice de eficiência de 22% e um RAROC de 12%. Então, aqui é como se compõem gerencialmente os nossos resultados e o nosso capital alocado nesses quatro grandes segmentos da nossa operação.

Na página 27, uma pequena abertura do nosso IFRS, os resultados têm pequenas variações, principalmente em relação aos critérios de provisionamento e os critérios de apropriação de algumas operações de taxa de juros e tarifa. Então, o resultado pelo IFRS, o resultado recorrente, um pouco acima dos R\$ 3,6 bilhões na contabilidade tradicional, o resultado em IFRS R\$ 3,7 bilhões, o que daria um retorno sobre o patrimônio líquido médio de R\$ 76,7 bilhões, um retorno de 19,7%.

Na página 28, quais são as nossas expectativas para o restante do ano. A carteira de crédito que nós tínhamos uma expectativa de crescer de 11% a 14%, em função do crescimento da economia e dos ajustes que ainda estamos fazendo, principalmente na carteira de veículos, nosso melhor cenário hoje seria um crescimento entre 8% e 11% para o ano todo, para o ano de 2013.

As despesas com provisão de crédito de liquidação duvidosa, R\$ 19 e 22 bilhões, estamos mantendo ela apesar de estarmos em um ritmo em torno de R\$ 20 bilhões pelos dois trimestres que nós mostramos, mas de qualquer forma mantemos essa expectativa. Receita de serviço continuamos achando que vai crescer entre 15% e 18%. As despesas não decorrentes de juros continuamos mantendo a nossa expectativa de crescimento novamente esse ano abaixo da inflação, 4% a 6%, e o índice de eficiência ajustado ao risco uma melhoria de 2 p.p. a 4 p.p. no ano de 2013. Então alteramos apenas a expectativa da carteira de crédito.

Para encerrar, página 29, lembrando aqui que nós anunciamos ao longo do segundo trimestre em termos de aquisições e parcerias – a aquisição da Credicard por R\$ 2,7 bilhões, ainda sujeito a aprovação pelas autoridades.

A Cencosud, que é uma associação e temos um contrato assinado por 15 anos com essa empresa chilena para financiamento de clientes no Chile e na Argentina, ele têm mais de três milhões de clientes, muito em linha com a situação que nós temos aqui no Brasil como o Pão de Açúcar, como o Carrefour, como o Walmart, no mesmo tipo de negócio.

A compra do Citibank no Uruguai, de duas agências, com 15 mil clientes, também reforça a nossa operação no Uruguai no segmento que nós atuamos, que é o de renda mais alta.

BMG Seguradora, adquirimos as ações da BMG Seguradora através da nossa *joint venture* com o BMG, que é o Banco Itaú BMG Consignado.

E, por último, a operação do IRB – Instituto de Resseguros –, que passamos a ter 15% do capital total e votante do IRB no final desse trimestre.



Então, com isso eu encerro aqui a apresentação, foi um pouco mais extensa e um pouco mais detalhada. Acho que de qualquer forma era importante mostrarmos aí a consistência das nossas estratégias e que estão aparecendo os resultados. Então a partir de agora estamos todos aqui abertos às perguntas que vocês tenham.

### **Sessão de Perguntas e Respostas**

**Operadora:** Senhoras e senhores, iniciaremos agora a sessão de perguntas e respostas. Para fazer uma pergunta, por favor, digite asterisco um (\*1). Para retirar a pergunta da lista, digite asterisco dois (\*2).

Nossa primeira pergunta vem do Sr. Jorg Friedemann, Merrill Lynch.

**Sr. Jorg Friedemann:** Muito obrigado, bom dia Alfredo, Caio, Rogério. Eu tenho duas perguntas, mas vou começar com um ponto que eu notei aqui olhando a nota explicativa oito de vocês que mostra a classificação de crédito segundo a resolução 2682. Eu percebi um salto de aproximadamente R\$ 41 bilhões na linha AA, que não requer provisão genérica nenhuma. Essa aí eu acho que é a maior variação histórica do Banco nessa classificação e está bastante acima da média de aumento nessa linha por conta de mix que a gente observou nos últimos dois anos, essa média fica em torno de um aumento de R\$ 5 bilhões.

Isso me sugeriu que poderia ter havido uma reclassificação importante dos créditos classificados pelo Banco. A gente percebe que claramente houve uma melhora expressiva de qualidade, mas pode também ter havido essa reclassificação. Gostaria que vocês se pudessem me explicar um pouco melhor o que se passou para ter essa movimentação e se de fato houve essa reclassificação, qual foi o impacto final que isso trouxe para a PDD desse trimestre? Depois eu faço minha segunda pergunta. Obrigado.

**Sr. Rogério Calderón:** Oi Jorg, bom dia, é Rogério Calderón falando. Você encontra a explicação para o que nós fizemos, de fato houve uma reclassificação, você encontra na página 22 do relatório MD&A. O que é que nós fizemos? Como nós temos nos movido para créditos com mais garantias, nós também temos aprimorado os nossos sistemas de controle sobre as garantias. Então nós fizemos atualizações importantes no cálculo do valor atualizado dessas garantias comparando com as dívidas em aberto. E aí, todas as vezes que essas garantias excedem a exposição que o Banco tem, nós fizemos uma migração para riscos menores na tabela de riscos e o inverso também é verdadeiro, penalizando nos casos em que a garantia por seu valor atualizado não atinja o total da exposição.

Do ponto de vista de despesa, não houve impacto representativo, a gente menciona aqui que de fato foi muito pequeno, mas quando a gente olha a tabela de classificações, houve uma movimentação importante. E aí, o que a gente deve dizer aqui em nome da administração do Banco é que os números agora expressam



melhor do que antes a capacidade das garantias no suporte dos créditos que nós temos com esses clientes.

**Sr. Jorg:** Perfeito, Rogério. Só deixe-me abordar um pouquinho mais. Você falou que não tem uma variação importante, mas eu vi que em praticamente todas as linhas de maiores riscos o saldo da sua carteira cai, e só nessa linha AA que ela sobe expressivamente.

**Sr. Rogério:** Mas houve também, Jorg, se você observar, houve também uma migração de D para E, o que impacta ao contrário a despesa, é por isso que o efeito líquido foi neutralizado. Não que nós tivéssemos buscando a sua neutralização, mas ao fazer isso o efeito líquido é mínimo, houve uma migração de A para AA, como você disse, mas houve também para E nos casos em que a cobertura não sobe.

**Sr. Jorg:** E você fala então principalmente de uma revisão da colaterização e como isso se expressava na classificação. Agora, então estaria correto...

**Sr. Rogério:** Jorg, deixe-me só acrescentar, quando a gente migra de A para AA, o efeito é muito pequeno, de D para E o efeito é maior. Então, embora os volumes sejam distintos, há uma compensação.

**Sr. Jorg:** Não, claro. Eu entendi a lógica. Obrigado, Rogério. Mesmo assim eu gostaria só de entender o tipo de operação, são operações *large corporate*, são operações de varejo, em linhas mais colaterizadas? Porque o volume é muito expressivo, então eu só gostaria de entender que tipo de operação que a gente está tratando aqui.

**Sr. Rogério:** Perfeito, são operações de veículos com os créditos imobiliários e operações com micro, pequenas e médias empresas quando garantidos por garantias reais.

**Sr. Jorg:** Perfeito. E a minha segunda pergunta é sobre o resultado de tesouraria. Obviamente o cenário turbulento desse segundo trimestre acho que afetou todos os bancos privados, vocês não foram a exceção. E a média móvel que vocês têm mostrado desses resultados de tesouraria vem caindo, né, com o tempo. Eu queria saber se vocês podem nos antecipar como esse mês de julho vem evoluindo e se vocês têm uma melhor previsão de qual seria o novo normal para a gente olhar para essa linha? Obrigado.

**Sr. Rogério:** Os mercados continuam com alta volatilidade, o que cria um ambiente, um cenário mais difícil de atuação das mesmas, você sabe disso. Sempre nós ressaltamos que quando apresentamos aqui a trajetória histórica da nossa margem com o mercado, em nenhum momento nós pretendemos com isso indicar qualquer recorrência para o futuro. Obviamente a gente teve um desempenho no segundo trimestre que foi o menor desde a série histórica que se inicia com a fusão Itaú-Unibanco. Também é absolutamente natural que nós tenhamos a pretensão de ter



um desempenho melhor do que tivemos, mas não há como prever como é que isso vai ficar para adiante.

Eu quero, e acho que certamente você já olhou dessa maneira, e acho que é bastante positivo quando a gente observa que no segundo trimestre de 2013 em comparação com o segundo trimestre de 2012, nós tivemos uma redução na contribuição dessa linha de mais de R\$ 800 milhões. E a despeito disso, o *bottom line* do Banco cresceu em relação ao segundo trimestre do ano passado.

Quando a gente olha isso normalizado pela contribuição, de fato, o crescimento das áreas que estão associadas aos fundamentos da nossa operação, sobre as quais nós temos muito mais gestão do que aquilo que é influenciado pelo mercado e pelas volatilidades, isso sim vai em uma tendência extremamente positiva. Nós olhamos até positivamente sob esse aspecto. Mas, claro, sem querer fugir da sua pergunta, nós esperamos que possamos desempenhar melhor nessa linha aí, mas as condições continuam ainda difíceis.

**Sr. Jorg:** Quer dizer que julho ainda não te dá essa confiança?

**Sr. Rogério:** O mercado continua com volatilidade em julho, eu não posso falar sobre os resultados de julho, mas o cenário continua um cenário com bastante volatilidade.

**Sr. Jorg:** Perfeito. Muito obrigado.

**Operadora:** Com licença, nossa próxima pergunta vem do Sr. Eduardo Rosman, do BTG Pactual.

**Sr. Eduardo Rosman:** Bom dia. Bom dia, pessoal. Na verdade eu acho que a minha pergunta era mais sobre o mercado como um todo, eu fiz essa mesma pergunta, ontem, no *conference call* do Santander. Eu queria saber qual é a visão de vocês sobre essa aceleração do crescimento dos bancos públicos. A gente viu que o *market share* dos bancos públicos já passa de 50%, eles estão crescendo quase 30% contra o mercado, na verdade contra o mesmo período do ano passado contra 6% mais ou menos dos bancos privados.

Então a gente queria saber é se vocês acham que os bancos públicos estão prestando dessa forma muito mais agressiva porque eles estão vendo um cenário macro muito mais positivo do que os bancos privados? Ou será que os bancos públicos estão acelerando porque eles não têm outra alternativa, ou seja, se eles desacelerarem de fora rápida a economia não recupera, e aí podemos começar a ver aumentos de inadimplência de forma mais importante? Se vocês puderem falar um pouquinho sobre esse tema, eu acho que agradeço.

**Sr. Alfredo Setubal:** Eduardo, é o Alfredo. É difícil para nós julgarmos olhando de fora as razões e motivações que levam os bancos públicos a terem uma atuação mais agressiva ou mais forte, um pouco descolada em relação à atitude que os





bancos privados estão tendo. Não sabemos dizer exatamente quais são as motivações. O nosso cenário macroeconômico é um cenário que mostra as taxas de juros continuando subindo e o PIB continuando desacelerando, portanto não é no nosso entendimento e dentro da nossa estratégia de redução de riscos um cenário favorável para que a gente tenha uma atitude diferente daquela que estamos tendo – que é termos redução das carteiras de crédito mais voláteis e mais arriscadas, como a carteira de veículos, micro e pequenas empresas nesse momento ainda reduzindo -, para enfrentarmos esse movimento mais volátil que a gente tem visto da economia e que tem se refletido de uma certa forma, evidentemente, no comportamento da Bolsa, no comportamento das taxas de juros futuras, do câmbio e tudo o mais.

Então, quer dizer, a nossa estratégia vai continuar sendo essa, nós vamos preservar o patrimônio dos nossos acionistas, isso está acima de qualquer estratégia que a gente possa adotar. Se isso significar que os nossos resultados vão crescer em taxas menores do que aquelas que gostaríamos, pode até ser eventualmente a consequência. Mas, a preservação patrimonial nesse momento de maior incerteza eu acho que tem que estar acima de tudo. Dessa forma que a gente vem gerenciando as nossas carteiras, os nossos ativos, buscando esse equilíbrio entre um bom retorno, que a gente tem mostrado da nossa operação, um retorno em torno de 19%, 20%. Ao mesmo tempo crescendo nas carteiras e nos segmentos que nós consideramos adequados de maneira a termos esse retorno e ao mesmo tempo preservarmos o patrimônio dos nossos acionistas.

Acho que é um cenário difícil, é um cenário que a gente não está vendo uma reversão dele no curto prazo, para nós isso é bastante claro, nas nossas análises de cenários e tudo mais. Então nós vamos continuar mantendo a nossa política mais conservadora de créditos, de operações com o mercado, até termos uma visibilidade melhor daquilo que vai acontecer na economia internacional e os seus reflexos aqui dentro do Brasil.

**Sr. Eduardo:** Perfeito, ficou super claro. Se me permite fazer mais uma pergunta sobre o crédito imobiliário, né. Acho que ficou muito clara na apresentação quando você falou que o perfil do cliente Itaú que está tomando crédito imobiliário é um pouco diferente, ele é mais, talvez, mais *high income*, né, mas a gente está vendo que junto com o consignado o crédito imobiliário é uma das poucas linhas que os bancos estão crescendo em uma velocidade maior do que 20%, se não fosse por ele, provavelmente, o crescimento como um todo do mercado seria bem menor.

A gente está vendo incertezas políticas, econômicas, queda de confiança do consumidor, então eu queria saber se vocês não acham que isso pode afetar o crescimento do crédito imobiliário, dado que a decisão da compra de um imóvel é uma decisão bastante importante é?

**Sr. Alfredo:** Sem dúvida, Eduardo, é um ponto que a gente olha todo dia, tá certo. A gente põe a mão no pulso para ver como é que anda a temperatura e o batimento cardíaco. Nesse momento a gente vê o crédito imobiliário, o consignado, bastante



bem. Nossa operação com o BMG vem crescendo, que é muito vinculado às operações do setor público, né, aposentados e funcionários públicos. A nossa operação própria de crédito consignado é mais vinculada ao mercado privado das empresas, dos funcionários das empresas e tudo o mais. Não estamos vendo assim desemprego aumentando, o índice de desemprego até aumentou em junho, o último dado, mas não foi de desemprego, pessoas acharam menos emprego. Quer dizer, não está havendo demissões em massa por aí em nenhum setor que leve a gente a ficar muito preocupado com o crédito consignado do setor privado, por exemplo.

Na parte imobiliária o nosso perfil de cliente, a gente financia direto aqui pelo Banco, é o cliente Personalité e até Private. Muitos clientes do Private, muitos mesmo, têm feito operações de crédito imobiliário também. Então nós continuamos financiando um *loan to value* muito baixo. Nada indica que as carteiras nossas de crédito imobiliário e de consignado vão apresentar qualquer tipo de problema. Pelo perfil do cliente, pelo percentual que a gente financia do imóvel, no caso do imóvel, a gente está bastante tranquilo, continua tendo uma demanda boa, uma demanda natural. Nós não estamos forçando a barra com ninguém para fazer financiamento, acho que isso que é importante também.

Há uma expectativa das pessoas de efetivamente comprarem imóveis maiores, saírem de um menor para um maior, enfim, o mercado está bastante ativo nesse *upgrade*, vamos chamar assim, e que é o movimento que a gente viu no mercado de veículos também no passado. Claro que é outra característica de financiamento, mas a gente viu o mercado ativo e com perfil bom de tomador, e os indicadores não mostram nenhum problema, nenhum sinal de problema nessas duas carteiras que a gente está falando de consignado e de imobiliário.

**Sr. Eduardo:** Tá bom, muito obrigado pelas respostas.

**Operadora:** Com licença, nossa próxima pergunta vem do Sr. Domingos Falavina, JP Morgan.

**Sr. Domingos Falavina:** Bom dia a todos. A minha dúvida, na verdade, tange mais um pouco da margem. A gente notou uma melhora na margem já nesse tri e, assim, geralmente isso acaba tendo um carrego para o trimestre seguinte. Como foi um aumento grande de 30 *basis point* a margem com o cliente, eu queria saber se faz sentido a gente trabalhar com margem ainda tendo esse carrego para o trimestre seguinte ou não? Depois eu faço a outra pergunta. Obrigado.

**Sr. Rogério:** Bom, nós estimamos, Domingos, é o Rogério quem fala aqui, nós estimamos que essa melhora vai continuar no terceiro trimestre. Portanto, sim, faz sentido considerar de alguma maneira, não sei que numerologia você vai utilizar aí. Na nossa progressão nós imaginamos que possivelmente no quarto trimestre nós já deveremos estar rodando o total de margem financeira acima de igual período do ano anterior. Nós passamos a crescer nessa linha nesse trimestre, como já observávamos no último *conference call* que aconteceria, isso é continuado, veio



para ficar, isso inaugura uma tendência, vai continuar subindo, mas nós ainda não estamos com essa linha maior do que igual período do ano anterior.

Nós devemos caminhar, portanto acelerando esse avanço, devemos lá pelo quarto trimestre desse ano já estar rodando em um patamar superior ao mesmo trimestre do ano anterior. Então isso, de fato há uma aceleração, há um carregamento, há um benefício aí, a numerologia não sei como é que você vai usar, não é tão simples assim, mas, enfim, tem, sim, um benefício.

**Sr. Domingos:** Tá. A segunda pergunta, obviamente que a tesouraria, *across the board*, acho que todos os bancos têm tido realmente um ambiente mais difícil, mas no meu entendimento é que foi a curva de juros que acabou abrindo muito e impactando a carteira pré e não tanto a volatilidade. Então, nesse cenário eu acho que está um pouco, me chamou um pouco a atenção você comentar a volatilidade. Eu, olhando a curva de juros, presumiria um resultado de tesouraria já mais forte no próximo tri. Você está falando que a volatilidade está impactando, se pudesse dar um pouquinho mais de cor nisso?

**Sr. Rogério:** A leitura é a mesma. Aí a gente vai ficar procurando se a volatilidade que gera uma coisa ou se isso é gerado pela volatilidade. Enfim, você tem toda razão, é oscilação no caso da curva pré, esse é o principal elemento que gerou essa enfim, volatilidade, segundo o nosso ponto de vista aqui. Mas a leitura é exatamente a mesma, nenhum ponto a reparar aí no seu raciocínio.

**Sr. Domingos:** Tá ok. E a última numerologia, só para tirar uma dúvida, você comentou na oscilação na carteira de crédito na pergunta do Jorg, eu notei também esses R\$ 30 bi subindo para A e aproximadamente R\$ 1 bi indo de D para E. Se você fizer o ajuste da diferença de provisionamento deve ir uns R\$ 200 milhões para um lado e para o outro. É mais ou menos isso a conta que vocês fizeram?

**Sr. Rogério:** Se você pegar só esses dois movimentos, que são os maiores, nós temos os R\$ 30 bi que meio por cento disso dá uns R\$ 150 milhões, depois a migração de D para E são R\$ 926 milhões, que dá 20% nesse caso, e aí soma R\$ 185 milhões. Isso dá um líquido negativo de cerca de R\$ 30 milhões. Mas, no total dessa conta deu em torno de R\$ 10 milhões apenas porque as outras linhas também oscilam, é, de fato, completamente imaterial esse ajuste. É muito importante porque ele identifica melhor na tabela das garantias e na classificação das letrinhas, mas do ponto de vista de resultado não houve nenhum impacto no nosso número de despesas de PDD decorrente daí. O impacto advindo desse processo é completamente imaterial.

**Sr. Domingos:** Ok, obrigado.

**Operadora:** Com licença, nossa próxima pergunta vem do Sr. Eduardo Nishio, Banco Brasil Plural.



**Sr. Eduardo Nishio:** Bom dia, obrigado pela oportunidade. Eu tenho duas perguntas. A primeira é em relação às provisões. A gente viu uma evolução favorável aí na parte de inadimplência e, por consequência, uma evolução também, vamos dizer, *flat* ou até positiva para a parte de provisão. No entanto, quando você analisa a quebra por segmento, a gente notou um aumento substancial no banco de atacado, um aumento de 40% nessa parte de provisão de crédito. Eu queria saber como que anda o ambiente nessa parte de atacado? E, dado que vocês tiveram uma evolução favorável também na pessoa jurídica, eu queria saber o porquê dessa evolução negativa em provisão no banco de atacado? Obrigado e depois eu faço minha segunda pergunta.

**Sr. Rogério:** Nós fizemos uma revisão e de fato você bem observa, está nas demonstrações financeiras por segmento, Nishio, aparece lá, há um reforço no atacado, isso se dá pela revisão das garantias e das circunstâncias de empresas específicas. Não tem nada sistêmico nisso, nenhuma preocupação sistêmica, mas são abordagens em casos específicos, identificados, obviamente a gente não pode mencionar a que se refere, mas são empresas específicas.

**Sr. Eduardo:** Você pode quebrar por segmento ou a indústria, o segmento seria empresas maiores ou menores? Por indústria, qual é a indústria que está realmente precisando de um reforço maior ou não?

**Sr. Rogério:** Empresas *corporate*, só tem empresas grandes aí, são casos específicos.

**Sr. Eduardo:** Perfeito. Minha segunda pergunta é em relação ao cartão, a estratégia de vocês. Mais uma vez eu acho interessante o movimento que vocês estão fazendo, eu queria só um *update* da estratégia agora que vocês compraram a Credicard e se associaram com a Cencosud, queria saber como é que está indo a integração, Hipercard, a Redecard, como é que está indo o 2.0? Qual é o plano para 2014 e 2015? Muito obrigado.

**Sr. Rogério:** Ok. Bom, só ressaltando que faltam as aprovações necessárias dos órgãos reguladores nessas operações, nós esperamos que elas aconteçam e o quanto antes. Todas essas operações têm em comum o fato de que elas reforçam a nossa estratégia tanto no que se refere a cartões de crédito – muitos desses movimentos estão relacionados ao negócio de meios de pagamento e cartões de crédito, financiamento ao varejo, é o caso da Cencosud, é o caso da Credicard. É também o caso das operações no Uruguai que tem uma carteira importante aí, nós temos todo um esforço de estratégia, inclusive estratégia vertical com a Adquirencia.

Tudo isso está no contexto de aumento das nossas receitas vinculadas a serviços, e a crença de que são segmentos, cartão de crédito é um segmento que cresce no Brasil a um ritmo de 20% ao ano. Os meios de pagamento de cartão de débito vão crescer acima disso, em outros países até acima disso, portanto está completamente inserido nessa estratégia principal que a gente tem de crescimento em bases sólidas nessas áreas, inclusive que apresentam oportunidades adicionais. Isso alavanca



todo o nosso negócio de Adquirencia, a própria operação da Redecard, o negócio Hiper que você menciona aí também, ele deve ter uma atuação mais forte daqui para frente também. Acho que, em geral, é isso, está em um contexto bastante estratégico da nossa operação.

**Sr. Eduardo:** Vocês veem algum *shift* em relação ao parcelado sem juros para parcelado com juros ou não? Vocês conseguiram com 2.0 aumentar essa parte de parcelados com juros?

**Sr. Rogério:** Nós continuamos numa velocidade e eu diria naquela expressão que os americanos usam *all deliberate speed*, toda a velocidade prudente na migração para o cartão 2.0, nós não temos tido nenhum impacto negativo, pelo contrário, até bastante positivo na aceitação desse produto. Nós vamos ampliar essa oferta e vocês logo vão saber de ampliações que nós estamos fazendo.

Acho que é por aí mesmo, é um processo gradual, há uma mudança até de comportamento por trás disso, mas nós imaginamos que isso é uma tendência reversível – pode tomar e vai tomar algum tempo essa transição, já que é bastante gradual, você não muda esses conceitos rapidamente, até porque eles impactam outras coisas no desempenho, no financiamento do varejo.

Mas a tendência maior é que a gente tenha uma migração para taxa de juros cobradas em um patamar mais baixo, por outro lado uma ampliação dos volumes financiados de tal forma que a gente vai eliminando aos poucos os subsídios cruzados que ainda existem nessa indústria, na indústria de cartão, e que de certa forma prejudica aí o desempenho, sobretudo, em determinadas situação como de estresse em crédito, nós devemos passar para bases mais normalizadas com o tempo.

**Sr. Eduardo:** Perfeito. Muito obrigado.

**Operadora:** Com licença, nossa próxima pergunta vem do Sr. Marcus Fadul, M Safra.

**Sr. Marcus Fadul:** Bom dia Rogério, bom dia Caio. A minha pergunta é um *follow up* em relação à pergunta do Jorg. Eu vi que embora vocês tenham feito essa reclassificação no nível de risco e tenham migrado para créditos de menor risco, você ainda tem aquela provisão de R\$ 5 bilhões complementar no seu balanço. Eu queria saber se isso também pode vir, essa provisão, pode vir a ser reduzida indo para frente, você já considera alguma alteração nesse nível no seu *guidance*, ou se ela deve se manter nesses níveis que ela está hoje?

**Sr. Rogério:** Oi Marcus, é Rogério. Bom, primeiro, ela não influencia nada no que tange aquela reclassificação que a gente fez, isso está vinculado a todo o contexto de perda esperada. Do ponto de vista de gestão específica sobre essa provisão, nós temos mantido essa provisão em bases conservadoras, não há expectativa nenhuma de mexer nisso nesse momento. Na medida em que a carteira tem um





crescimento, há uma perda de relevância proporcional dessa carteira, como seu valor nominal é mantido, ela vai perdendo a relevância em relação ao total da carteira de crédito que a gente tem.

É bem verdade que a provisão para devedores duvidosos que você encontra no balanço do Banco teve uma redução nesse trimestre, essa redução se dá, é a redução boa, digamos, é a redução saudável porque ela se dá na perda incorrida. Nós tivemos uma provisão total, eu não me refiro aqui à despesa de provisão, mas o saldo da provisão no nosso balanço teve uma redução de R\$ 800 milhões e essa redução se dá na porção de provisão pelo atraso incorrido. De fato uma quantidade menor de clientes, um saldo menor, um valor menor da nossa carteira se encontra em atraso, a provisão está reduzindo em função disso, mas as coberturas, e até por isso, as coberturas sobem.

Ou seja, é um cenário bastante positivo, mas, diante de incertezas muito mais no cenário macro nós preferimos não mexer com essa provisão adicional. Embora se poderia argumentar, e nós aceitamos esse argumento, de que a performance efetiva da nossa carteira do ponto de vista de risco de crédito ela tem sido muito positiva na medida em que todos os indicadores, quaisquer indicadores que possam ser escolhidos são todos positivos, mas nós ainda seguimos prudencialmente mantendo essa provisão adicional.

**Sr. Marcus:** Perfeito. Obrigado, Rogério.

**Operadora:** Com licença, lembrando que para fazer perguntas basta digitar asterisco um (\*1). Obrigada.

Com licença, encerramos neste momento a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de passar a palavra ao Sr. Alfredo Setubal para as considerações finais.

**Sr. Alfredo Setubal:** Obrigado a vocês que participaram. Tivemos uma grande participação pela internet, pelo telefone, mais de 500 pessoas, acho que é muito bom. Eu acho que deu para mostrar o resultado já mudando de patamar e com mais resultado operacional, acho que a gente está em um momento bom, um momento de virada.

Espero que tudo continue caminhando nessa direção, a conjuntura ajudando, de maneira que a gente possa retomar patamares sustentáveis de retorno recorrente sobre o nosso patrimônio, sobre a nossa operação. Acho que temos mostrado que a nossa estratégia de redução de risco tem sido correta e isso vem trazendo os benefícios para os nossos acionistas.

Quem quiser temos agora em seguida, às 11 horas, o *conference* em inglês. Se alguém quiser participar novamente, está aí convidado. Muito obrigado.

**Operadora:** A teleconferência do Itaú-Unibanco Holding está encerrada. Agradecemos a participação de todos e tenham um bom dia. Obrigada.

